

273
BOLETIM

— DA —

Academia Nacional de Medicina

- Assistência Publica. - Comunicação á
Acad. Nacional de Medicina. - Sessão de
26 de agosto de 1920.

91.º ANNO — N.º 19

Sessão de 26 de Agosto de 1920



RIO DE JANEIRO

Typ. BERNARD FRERES — 130, Rua Buenos Aires — Telep. N. 4260

1920

ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA

Fundada em 1829

Presidente: PROF. MIGUEL COUTO; — Vice-Presidente: PROF. ALOYSIO DE CASTRO; — Secretário Geral: DR. OLYMPIO DA FONSECA; — 1.º Secretário: DR. GARFIELD DE ALMEIDA; — 2.º Secretário: DR. BELMIRO VALVERDE; — Orador: PROF. NASCIMENTO GURGEL; — Thesoureiro: PHAENCO. CEZAR DIOGO.

MEMBROS TITULARES

SECÇÃO DE MEDICINA GERAL

Presidente: — Juliano Moreira

Drs.:		Drs.:	
Alfredo do Nascimento Silva....	1892	Antonio Austregesilo Rodrigues	1903
Ismael da Rocha.....	1892	Lima.....	1903
Jorge Torres da Costa Franco..	1893	Juliano Moreira.....	1903
Miguel Couto.....	1896	Aloysio de Castro.....	1904
Henrique de Sá.....	1896	Antonino Ferrari.....	1904
Benjamin Antonio da Rocha Faria	1897	Henrique Duque Estrada.....	1904
Henrique Autran da Malta Albu-		Luiz Nascimento Gurgel.....	1900
querque.....	1897	Oscar Rodrigues Alves.....	1910
Antonio Augusto de Azevedo		Garfield Augusto Perry de Al-	
Sodré.....	1898	meida.....	1913
Augusto de Freitas.....	1900	Oswaldo Coelho de Oliveira....	1913
Adolpho Frederico de Luna		Francisco Fernandes Eiras....	1913
Freire.....	1900	Afonso Gama e Costa Mac-	
João de Souza Gomes Netto....	1901	dowell.....	1916
Antonio Fernandes Figueira....	1903	Artidônio Pamplona.....	1919
		Joaquim Moreira da Fonseca....	1919

SECÇÃO DE CIRURGIA GERAL

Presidente: — Domingos de Góes

Drs.:		Drs.:	
Ernesto de Freitas Crissiuma....	1885	Fernando Vaz.....	1903
Domingos de Góes e Vasconcel-		Alvaro de Paula Guimarães... 1904	
los.....	1886	Octavio do Rego Lopes.....	1904
Joaquim Pinto Portella.....	1889	José Thomaz Nabuco de Gouveia	1904
Joaquim Antonio de Oliveira		Lincoln de Araujo.....	1905
Botelho.....	1895	Eduardo Moscoso.....	1906
Benjamin Baptista.....	1898	Augusto Paulino Soares de	
Ernani Carlos de Menezes Pinto	1898	Souza.....	1906
José Mathias Gurgel do Amaral.	1899	João Pedro Leão de Aquino... 1909	
Arthur de Carvalho Azevedo....	1901	Arnaldo Tertuliano de Oliveira	
Augusto Hygino de Miranda... 1901		Quintella.....	1910
Amisio de Castro Pefoto.....	1901	Raul Leitão da Cunha.....	1918
Alvaro Ramos.....	1902	Ovidio Meira.....	1919
Marcos Cavalcanti.....	1903		

Sessão de 26 de Agosto de 1920

PRESIDENTE — Sr. Miguel Couto.
1º SECRETARIO — Sr. Garfield de Almeida.
2º SECRETARIO — Sr. Belmiro Valverde.

SUMMARY: — *Expediente*: — Carta de despedida do Sr. Olympio da Fonseca. — Voto de pesar pela morte do Prof. Cicero Ferreira. — Eleição de dois membros correspondentes, Srs. Ulysses Nonhoj, de Porto-Alegre, e João Rienstrerne, de Stockolmo. — Duas memorias concorrendo ao "Premio S. Lucas". — Sobre a Assistencia Publica, pelo Sr. Moncorvo Filho. — Relatorio sobre os casos apresentados pelo Sr. Fernandes Figueira em 1919, pelos Srs. Fernandes Figueira e Juliano Moreira. — Sobre alguns casos de encephalite lethargica, pelo Sr. Garfield de Almeida. — Discussão do parecer sobre o aborto criminoso, pelo Sr. Julio Noves. — Sobre a prophylaxia da lepra e doenças venereas, pelo Sr. Eduardo Rabello.

O Sr. Presidente: — Havendo numero legal, está aberta a sessão.
(Pausa).

A Academia recebeu a seguinte carta:

«Illm.º Sr. Presidente da Academia Nacional de Medicina.

Partindo hoje, a bordo do «Huron», com destino à America do Norte, apresento as minhas despedidas a V. Ex. e à Academia, a cujas ordens tenho a honra de continuar.

OLYMPIO DA FONSECA ».

Excusado é dizer que o nosso collega nos faz a maior falta e nos deixa todas as saudades. A Academia, porém, não é egoista e, sabendo que S. Ex. vae n'uma viagem de estudos e de descanso, faz votos, não só pela sua boa viagem, como tambem para que della obtenha todos os lucros para a sua intelligencia e para o repouso do seu espirito. (Pausa).

N. DA R. — No expediente, o Sr. Fernando Magalhães fez uma reclamação pelo facto de não ter sido publicado, no ultimo Boletim, um trecho do seu discurso, que esta redacção julgou não dever permittir a publicidade.

Falaram sobre o caso os Srs. Julio Novaes, Belmiro Valverde, Fernando Magalhães, Dias de Barros, Garfield de Almeida e Miguel Couto, ficando resolvido que, opportunamente, a Mesa apresentaria uma proposta no sentido de regulamentar o serviço de publicação do Boletim.

Cumpro o doloroso dever de comunicar á Casa o passamento, em Bello Horizonte, do nosso illustrado companheiro, membro honorário da Academia, o Sr. Prof. Cicero Ferreira. Era o nosso malogrado collega um homem de grande elevação, figura de grande relevo, pela sua intelligencia, pelo seu caracter e pelo seu saber, e d'ahi o grande prestigio de que gozava e do qual se valeu para fundar, com o seu unico e exclusivo esforço, a Faculdade de Medicina de Bello Horizonte.

Creio interpretar o sentimento da Academia, mandando inserir em acta um voto do mais profundo pesar por esse infausto acontecimento. (*Muito bem; apoiados*).

Vae-se proceder á votação da proposta, que já se achava sobre a Mesa, para membro correspondente, do Sr. Ulysses Pereira de Nonohoy, Professor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

(São recolhidas 18 cédulas, com resultado affirmativo).

O Sr. Presidente proclama membro correspondente o Sr. Ulysses Pereira de Nonohoy).

Vae-se proceder á votação da proposta, para membro correspondente, do Sr. João Rienstrerne, de Stockholm.

(São recolhidas 18 cédulas, com resultado affirmativo).

O Sr. Presidente proclama membro correspondente da Academia o Sr. João Rienstrerne).

Acham-se sobre a Mesa dois trabalhos disputando o premio « S. Lucas » : um, intitulado « Estudo Pharmacognostico da Catuaba », por Linqueu Engler Von Martius (pseudonymo); outro, intitulado « Diethotherapie: o Fucto da Persia gratissima Gaertner, no regime alimentar dos doentes de diabetes glycosurico », Alex. Ferreira (pseudonymo).

Nomeio para dar parecer sobre os trabalhos a commissão composta dos Srs. Neves Armond, Antonio Sattamini e Julio da Silva Araujo.

O Sr. Moncorvo Filho: — Bem razão assistiu de certo ao eminente Professor Arazo Alfaro, quando em sua interessante memoria « Assistencia Publica y Prevision Social », declarára, em 1918, que « Os medicos são os colaboradores efficientes, verdadeiros dirigentes na lucta pelo engrandecimento material e moral do paiz ».

« Combatendo todas as causas de insalubridade e de soffrimento, dedicando todos os nossos esforços para prevenir as doenças evitaveis, melhorar a condição das classes pobres, combater o alcoolismo e a miseria, procurar para todos a luz, o ar, o alimento são, a casa hygienica, a tranquillidade do

espirito com a qual se sinta protegido e garantido contra o infortunio e a velhice, organisando em ordem toda a assistencia social, havemos de contribuir poderosamente para servir ao paiz, cimentando sobre o bem estar geral, sobre o respeito e o affecto mutuos, a força e a grandeza da patria, essa grandeza que consiste, mais que na riqueza e no numero de carabinas e a potencia dos canhões, na solidariedade de todas as classes sociaes, na unidade moral da Nação, na aspiração collectiva até á realisacão de um elevadissimo ideal de amor, de humanidade e de justiça ».

Estas grandes verdades, adduzidas por um sabio philanthropo, têm toda a oportunidade neste momento em que um facto de não pequena gravidade está a exigir da mais elevada das nossas Associações Medicas uma interfe-rencia urgente e energica.

Retiro-me á nova que acaba de divulgar a imprensa diaria de que, por ordem do Governo, a Commissão de Finanças da Camara dos Deputados havia, com a odiosa excepção de duas instituições de caridade, mandado sustar todas as subvenções ás demais Obras que em nossa patria, a maioria a golpes de ingentissimos sacrificios, mantêm serviços de assistencia publica que competeriam ao Estado executar.

Por mais que se affirme que essa deliberação partiu do egregio Sr. Presidente da Republica, não me posso disso convencer, porque, a assim ser, viria ella contrariar em absoluto todas as suas benemeritas affirmações constantes das apreciadas mensagens enviadas ao Congresso Nacional e as reiteradas demonstrações publicas do actual e illustre Sr. Ministro do Interior, revelando-se, desde que tomou posse da Pasta que dirige, um propagandador das mais adiantadas ideias acerca do magno problema da assistencia.

No correr das discussões a que se entregaram os que nest'hora appellam para o sacrificio das Obras da verdadeira caridade scientifica e que estão con-correndo para o melhoramento de nossa raça e amparando os que se debatem na desventura, apegaram-se alguns á necessidade imperiosa de providencias que fizessem de prompto diminuir o enorme deficit do Brasil, qual temeroso phantasma, elevando-se a duzentos mil contos !

Mas tem-se o direito de perguntar: a quanto montará o corte dessa tão productiva despeza ? Apenas a 650 contos, respondem os paredros.

Não desejo fatigar a attenção dos meus illustres pares, nem historiando o pouco que aqui se tem feito no intuito de organizar a administração da Assistencia Publica, nem tambem vir reproduzir as minhas ideias sobre o assumpto já propagadas em escriptos meus.

E' meu intuito apenas chamar a attenção da Academia para o facto doloroso que se irá immediatamente verificar, si acaso se levar por diante a desastrosa ideia, do fechamento de dezenas de instituições de iniciativa privada até então mantidas, fazendo face á avalanche de doentes, pobres ou velhos que diariamente a ellas accorrem, graças a minguidos auxilios pecunia-rios dispensados pelo Estado.

É facto trivialmente conhecido que os serviços de assistência realizados pelas Obras de iniciativa particular, graças á benemerencia desinteressada de seus executores, são custeados por despeza relativamente muito pequena, o que não succede com as creações officiaes, via de regra sempre muito onerosas pelas razões assaz conhecidas.

Orá, Sr. Presidente, n'um momento psychologico qual este em que o Brasil, como todos os demais paizes do mundo, se acha a braços com a delicada *questão social*, não seria mais inoportuno pensar em concorrer para que fechem suas portas ao indigente, á creança desvalida, a mãe pobre ou ao velho, as poucas instituições que, bem ou mal, ainda são os unicos refugios que possuímos a anteporem-se ás fauces hiantes desse tetrico factor social negativo que é o pauperismo.

Em todos os paizes cultos precisamente neste momento procura-se pôr em pratica a Assistencia Social, da qual faz parte integrante a Assistencia Publica.

Enquanto toda gente pensaria que o Poder Legislativo, em occasião tão propicia para a organização da nossa Assistencia Publica, procurasse imitar o que de util, de pratico, de humano têm conseguido varios paizes do globo, eis que se nos depara, com dolorosa magua, o projecto de, por medida de economia, cortar na verba orçamentaria para o anno vindouro pequeninas parcelas de auxilio ás instituições de caridade, ao todo attingido apenas a 650 contos!

Agóra, Srs. Academicos, reflecta-se sobre a vergonha que cahiria sobre nós si tal pretensão se consummasse ao saber-se que, aqui bem perto de nós, ha um paiz inutilissimo mais pequeno, de população sem comparação com a do Brasil, possuindo abundancia de homens de dinheiro consagrando immensas fortunas a institutos de beneficencia publica, — a Republica Argentina —, onde os Governos, na justa ancia de aprimorarem o mais possivel os seus admiraveis serviços de assistencia, o que hão conseguido, não têm poupado esforços, abrindo fartamente a bolsa do erario publico em favor da população desditosa.

Nessa adiantada Republica os Poderes Publicos dispendem annualmente oito milhões e meio de pesos (mais de 36 mil contos de nossa moeda), dos quaes cinco milhões (mais de 21 mil contos) são destinados a instituições de caridade de iniciativa privada, entre as quaes figuram as magnificas installações hospitalares que são o orgulho daquelle paiz.

A Argentina gasta mais de 21 mil contos por anno, e nós, que dispendemos apenas 650 contos, vemos pretender-se supprimir essa insignificante quantia a titulo de economia para a União!

E no entanto haverá algúem que não reconheça na Assistencia Publica uma função governamental? São de facto os Governos que têm a responsabilidade da vida dos homens que se congregam nas sociedades e governar é ter a noção precisa do valor da existencia do ser humano, como algúem

muito bem o disséra, assegurando-lhe o livre exercicio de todas as suas funções e o desenvolvimento de todas as suas faculdades.

Fazer mais ditosa, mais sadia a vida das classes trabalhadoras do paiz, constitue, sem duvida alguma, inilludivel e primordial dever do Estado.

Por isto, Srs. Academicos, sendo dos que maior admiração possam ter pela respeitavel pessoa do eminente Chefe de Estado, cuja brillantissima administração é um padrao de gloria para o Brasil e que bastas vezes demonstrou o seu interesse de melhorar por todos os modos a nossa situação politico-social, que individualmente tão fartos beneficios esparze, não posso acreditar que uma tal deliberação, qual a que venho commentando, haja partido de S. Ex., nem tão pouco de seu illustre Ministro do Interior, cuja reputação de grande administrador o constituiu tambem um dos vultos da maior estima publica.

Fiz, meus senhores, estas rapidas considerações justamente para impedir da Academia a approvação da seguinte e urgente moção que entrego á Mesa afim de ser remetida ao Governo da Republica:

«A Academia Nacional de Medicina, ao saber que se pretende suspender os auxilios pecuniarios com que a União concorre para a manutenção das instituições de assistencia scientifica á população pobre de nosso paiz, ousa dirigir aos altos Poderes da Republica um appello para que não se realise esse alvitre e ao contrario se procure, de vez, organizar a nossa Assistencia Publica sob hodiernos moldes, aproveitando as Obras de real merito scientifico, philanthropico e social». (*Muito bem; muito bem*).

O Sr. Presidente: — Está em discussão a proposta do Sr. Moncorvo Filho. Não havendo quem sobre ella queira fazer observações, vou submettel-a a votos. (*Pausa*).

Os Srs. que a approvam queiram se conservar sentados. (*Pausa*).

Foi approvada.

O Sr. Garfield de Almeida: — Sr. Presidente, antes de entrar propriamente na pequena exposição que desejo fazer hoje, peço á Academia que me tolere mais alguns minutos, para referir-me a um assumpto que foi aqui debatido em sessão a que, infelizmente, não estive presente: a communicação magistralmente feita — o que era excusado dizer — pelo Sr. Academico Artidonio Pamplona, relativamente ao tratamento da poly-nevrite diphterica e ao preconio do soro nesse tratamento.

Além de observações recentes, que S. Ex. citou, poderia referir-me a uma outra, ainda mais nova, que está transcripta no «Jornal dos Praticos» de Maio deste anno em que se aconselha, com insistencia, o emprego do soro no tratamento da paralyisa post-diphterica, mesmo quando tenha meidiado largo lapso de tempo entre o apparecimento da paralyisa e o accedente agudo da diphteria.

Tenho grande prazer em ver referendada esta opinião, que, exposta por mim no trabalho que a Faculdade de Medicina, naturalmente com benevolencia, julgou uma credencial bastante para o título de docente livre, teve occasião de ser refutada por varios medicos do nosso paiz.

Já, na occasião, dizia que «os factos clinicos, que se enumeram por centenas, garantiam ao serum poder curativo fóra de toda a duvida, factos esses que ainda importam numa conclusão, que não é demais repetir porque a occurrencia clinica é de todos os dias, isto é, a necessidade de se não ser muito parcimonioso no emprego do soro, mesmo nas fórmulas benignas da angina e da laryngite diphtericas, que, sob essa apparencia de benignidade, por vezes, tempos depois, trazem como consequencia a paralyisia post-diphtERICA.

O outro assumpto, sobre o qual eu abusarei da paciencia da Casa, é um assumpto que está em plena ordem do dia: a encephalite lethargica.

Evidentemente, Sr. Presidente, não vou fazer uma dissertação, mais ou menos theorica, cheia de citações, que estão nos livros, nas monographias, que são conhecidas de todos que aqui estão, tanto mais desnecessaria, quanto o assumpto foi larga e esplendidamente explanado na sessão de 3 de Julho, por varios Srs. Academicos. Pretendo, apenas, trazer ao conhecimento da Academia algumas observações de doentes, aos quaes eu fiz o diagnostico de encephalite lethargica, em obediencia a quella minha idéa, possivelmente egoistica, mas que, em se tratando de mim, se justifica de todo em todo, externada desde que para aqui entrei, de que traria sempre a esta Casa as minhas duvidas, no terreno scientifico, para que a Academia, com as suas luzes, com o seu conselho, com o seu saber, as desfaça e me esclareça o espirito.

Naturalmente os diagnosticos primeiros de uma molestia nova que irrompe em uma cidade, são sempre difficeis. Difficeis, pelo lado profissional, porque, na generalidade, os primeiros casos são casos benignos, casos frustos; difficeis, pelo lado social, pelo lado moral, porque estabelecem para o lado clinico duas difficuldades antagonicas: de um lado, ha o receio de lançar o alarme com o diagnóstico de mais uma molestia infectuosa a existir numa cidade, e esse receio nos faz timoratos, e faz com que, ás vezes, deixemos passar casos positivos; mas ha o receio inverso: o de fazer diagnostico que se não justifique mais tarde ou de não os fazer, quando elles se poderiam justificar.

A minha idéa, trazendo esta série de observações, é apenas pedir aos meus collegas que, com a benevolencia com que, muitas vezes, me têm escutado e aconselhado, me instruem no sentido de que me convença de que estes casos eram realmente de encephalite lethargica, para que, mais bem orientado, eu possa andar daqui em diante.

Destas observações, a primeira vae com uma certa minucia, cuja razão de ser está nas entrelinhas. E' um diagnostico que só fiz tardiamente e que,